

## PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

N.º 10 - 2020



# Histórias sem fronteiras. O Brasil que Gilberto Freyre criou

---

Marcos Cardão

*Práticas da História*, n.º 10 (2020): 45-70

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

## Marcos Cardão

### **Histórias sem fronteiras. O Brasil que Gilberto Freyre criou**

---

Gilberto Freyre foi um organizador e divulgador de ideias e responsável pela invenção de uma série de brasileirismos. Embora possua uma obra extensa e multifacetada, Gilberto Freyre é sobretudo recordado pelo livro *Casa Grande & Senzala*, que ainda hoje é considerado inovador em termos de objeto, metodologia e estilo, e permanece uma referência bibliográfica para compreender a história do Brasil. *Casa Grande & Senzala* aborda uma série de aspetos que se tornariam indispensáveis para descrever e imaginar o Brasil, e é também um estudo original sobre as características gerais da colonização portuguesa, plasmada na noção de que os portugueses teriam praticado uma colonização benigna nos trópicos por causa da sua “predisposição psicofisiológica” para a miscigenação e o encontro de culturas. Neste artigo, pretendo analisar como Gilberto Freyre estabeleceu uma equivalência entre a história e a herança portuguesa e os modos de viver brasileiros. O objetivo é verificar como a categoria de fronteira cultural foi mobilizada para imaginar a emergência do Brasil, transformando práticas excludentes em hipóteses de acomodação, e posteriormente reutilizada para descrever a singularidade de outras áreas culturais. Palavras-chave: Gilberto Freyre, fronteira, nacionalismo, luso-tropicologia.

---

### **Histories without frontiers. The Brazil that Gilberto Freyre created**

Gilberto Freyre was an organizer and divulger of ideas and was responsible for the invention of a series of Brazilianisms. Though his work is extensive and multifaceted, Gilberto Freyre is mainly remembered for his book *Casa Grande & Senzala*, which is still regarded as innovative in terms of its subject, methodology and style and remains a bibliographical reference to understand the history of Brazil. The book *Casa Grande & Senzala* covers a series of aspects which would become indispensable to describe and imagine Brazil, in addition to being an original study about the general traits of the Portuguese colonization, reflected in the notion that the Portuguese had made a benign colonization in the tropics because of their “psycho-physiological predisposition” to miscegenation and the encounter of cultures. In this article, I will examine how Gilberto Freyre established an equivalence between Portuguese history and heritage and Brazilian ways of living. My purpose is to verify how the category of cultural frontier was initially mobilized to imagine the emergence of Brazil – through the transformation of excluding practices into hypotheses of accommodation – and, at a later stage, reutilized to describe the singularity of other cultural areas. Palavras-chave: Gilberto Freyre, frontier, nationalism, Lusotropicology.

# Histórias sem fronteiras.

## O Brasil que Gilberto Freyre criou

Marcos Cardão\*

### Introdução

Gilberto Freyre foi um escritor prolífico, organizador e divulgador de ideias, criador de uma narrativa original sobre a emergência histórica do Brasil e inventor de uma série de brasileirismos<sup>1</sup>. Apesar de possuir uma obra vasta e multifacetada, Gilberto Freyre é essencialmente recordado por um livro, *Casa Grande e Senzala (CG&S)*, um clássico do pensamento social brasileiro, que foi reeditado mais de cinquenta vezes e traduzido em várias línguas. O livro faz parte da chamada tradição ensaísta brasileira, que inclui nomes como Euclides da Cunha, Paulo Prado, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, todos eles precursores das ciências sociais modernas no Brasil<sup>2</sup>.

Publicado originalmente em 1933, o livro foi considerado inovador em objeto, método e estilo literário<sup>3</sup>. Gilberto Freyre aproveitou as su-

\* Marcos Cardão (marcos.cardao@gmail.com). Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.

1 Lilia Moritz Schwarcz e André Botelho, org., *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país* (São Paulo: Companhia das Letras, 2009).

2 Lilia Moritz Schwarcz e André Botelho, “Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro”, *Lua Nova. Revista de cultura e política* 82 (2011): 139-59.

3 Num artigo intitulado a “Apresentação de Gilberto Freyre”, Roger Bastide refere que o sociólogo brasileiro criou métodos próprios e uma forma particular de escrever sociologia, que Freyre autodenominou proustiana: “Não prosa cartesiana, mas estilo sensual, carnal, sexual, com nitidez e relevo, capta todo o calor dos trópicos.” Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Edição crítica (Paris: Allca XX, 2002), 1102. A propósito do pluralismo metodológico, Freyre referiu no prefácio à edição portuguesa de *Casa Grande & Senzala*: “O emprego de métodos chamados de convergência, em que a análise cientificamente social dos mesmos factos e problemas, ora através da Antropologia, ora da Ciência económica ou da sociológica ou da Ecologia

cessivas reedições da obra para refazer algumas passagens, escrever novos prefácios e reformular alguns posicionamentos<sup>4</sup>. Ainda hoje, *CG&S* continua a ser uma referência incontornável para estudar a emergência histórica do Brasil e singularizar os aspetos que se tornaram indispensáveis para imaginar o Brasil, entre os quais estão o hibridismo, a mestiçagem, a interpenetração de culturas e o “equilíbrio de antagonismo”, um conceito que adquiriu valor heurístico<sup>5</sup>.

*CG&S* não descreve apenas a história da formação social do Brasil, o livro é também um documento importante sobre a história da colonização portuguesa no continente sul-americano. Freyre procurou singularizar a história da colonização portuguesa através da noção de que os portugueses teriam praticado uma colonização benigna nos trópicos, por possuírem um conjunto de fatores de ordem climatológica, geográfica, histórico-cultural e genética que teriam facilitado a sua adaptação.

As sucessivas interpretações de *CG&S* colocaram o livro no campo das obras mais lidas, discutidas e dissecadas sobre o Brasil. As suas teses principais terão igualmente contribuído para reforçar a imagina-

humana ou da Psicologia, se junte a investigação não só histórica, como intra-histórica, isto é, a tentativa de compreensão humanística de valores, a própria aventura de interpretação desses valores em relação com aqueles factos e com as suas condições de espaço e de tempo: especificamente tropicais. Interpretação que, de investigação psicológica ou sociológica se estenda ou se intensifique em filosófica; e essa extensão ou intensificação, por empatia às vezes ‘poética’ no sentido de procurar viver o que estuda, observa, analisa e procura compreender e interpretar.” Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal* (Lisboa: Livros do Brasil, 2003) [1.<sup>a</sup> ed. 1937], 10.

4 Segundo Carlos Guilherme Mota, “basta acompanharmos os prefácios e as notas de pé-de-página das várias edições de *CG&S* e *SM* para verificarmos como Gilberto, polemizando e respondendo a seus críticos à direita e à esquerda [...] foi montando o espaço de sua teoria de Brasil.” Carlos Guilherme Mota, “A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre”, in *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*, org. Joaquim Falcão e Rosa Maria Barboza Araújo (Rio de Janeiro: Topbooks, 2001), 172. A revisão constante dos prefácios fez parte das estratégias discursivas de Gilberto Freyre. Ver Ria Lemaire, “Herói literário e historiador: caminhos cruzados nos prefácios de *Casa Grande & Senzala*”, in Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Edição crítica (Paris: Allca XX, 2002), 733-46. Ver igualmente Fábio Franzini, “Modos de autor e manhas da crítica: o jogo dos prefácios em *Casa Grande & Senzala* (1933-1961)”, in *Escrita, Edição e Leitura na América Latina*, org. Nelson Schapochnik e Giselle Martins Venâncio (Niterói: PPG História-UFF, 2016), 168-80.

5 Para Ricardo Benzaquen Araújo, a tese do equilíbrio de antagonismo é “uma espécie de emblema da argumentação de Gilberto em *CGS*, tal expressão envia-nos para uma situação na qual as divergências estabelecidas no interior da casa-grande aproximam-se sensivelmente mas não chegam a se dissolver, conformando portanto uma visão altamente sincrética do todo”. Ricardo Benzaquen Araújo, *Guerra e paz, Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30* (Rio de Janeiro: Editora 34, 1994), 75.

ção nacional<sup>6</sup>. *CG&S* envolve a história da formação do Brasil numa narrativa com contornos épicos, mobilizando uma série de conceitos que com o passar do tempo se tornaram indissociáveis da imaginação nacional. A capacidade do livro de produzir uma série de mitologias sobre a identidade brasileira atraiu vários leitores, incluindo Fernando Henrique Cardoso, que no prefácio escrito numa das reedições de *CG&S* referiu: “Basta isso para demonstrar a importância de uma obra que formula um mito nacional e ao mesmo tempo desvenda e assim explica, interpreta, mais que a nossa história, a formação de um esdrúxulo ser nacional”<sup>7</sup>.

Fernando Henrique Cardoso aproveitou o prefácio para reformular as críticas que anteriormente tinha feito a Gilberto Freyre e à sua obra<sup>8</sup>, enveredando desta feita por uma leitura nacionalista de *CG&S*, que se aproximava da ideia de “Cultura Brasileira”<sup>9</sup>, vista historicamente como uma leitura ontológica da nacionalidade brasileira que continha referências a um alegado ser nacional. De acordo com esta leitura, o esforço de desmistificação crítica de *CG&S* não conseguiria “liquidar” a vertente mitológica e nacional da obra. Mais do que uma interpretação histórica do Brasil, a juntar a outras, a obra de Freyre seria ilustrativa da forma como o próprio país se podia imaginar e compreender.

A releitura efetuada por Fernando Henrique Cardoso, à qual se juntou uma série de outros autores<sup>10</sup>, deixa transparecer que a receção

6 Ver Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (Londres/Nova Iorque: Verso, 2005).

7 Fernando Henrique Cardoso, prefácio a Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, 48.<sup>a</sup> edição (Recife: Global Editora, 2003) [1.<sup>a</sup> ed. 1937], 23.

8 Fernando Henrique Cardoso afirmou: “Uma releitura do *Casa grande e senzala*, feita não com o olhar do jovem sociólogo militante, que quer, naturalmente, cobrar dos outros uma postura de recusa da ordem estabelecida, mas uma releitura de alguém mais maduro — a idade inevitavelmente acalma —, uma releitura um pouco mais serena do *Casa grande e senzala*, sem que se fique na torcida para saber qual é o método, mas simplesmente tratando de ver o que diz o livro, apaixona.” Fernando Henrique Cardoso, “Os livros que inventaram o Brasil”, *Novos Estudos CEBRAP* 37 (nov. 1993): 23.

9 Ver Carlos Guilherme Mota, “Cristalização de uma ideologia: a ‘Cultura Brasileira’”, in Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Edição crítica (Paris: Allca XX, 2002), 1037-45.

10 Com a crescente racialização da política pública brasileira e a generalização do sistema de quotas, o antropólogo Peter Fry reviu as suas ideias sobre a obra de Freyre, reavaliando igualmente o potencial utópico do conceito freyreiano de “democracia racial”. Segundo Peter Fry,

atual da obra de Gilberto Freyre é menos polarizada<sup>11</sup>. O aparecimento de obras de divulgação voltadas para o público não lusófono, como o livro editado por Peter Burke e Maria Pallares Burke em 2008, procuraram inclusive fazer uma atualização das teorias de Freyre para o século XXI, colocando em evidência a sua relevância tanto política quanto metodológica<sup>12</sup>.

Do mesmo modo, a obra de Freyre foi igualmente revalorizada em Portugal, com o seu nome a constar, por exemplo, do *Dicionário de Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo*, coordenado por Sérgio Campos Matos. Face à reduzida presença de historiadores brasileiros com produção relevante sobre a história colonial portuguesa, entre os quais constam Tarquínio de Sousa, Alice Canabrava, Emília Viotti da Costa, Carlos Guilherme Mota, entre outros, a inclusão de Gilberto Freyre no *Dicionário de Historiadores Portugueses* ganha importância acrescida e relevância simbólica<sup>13</sup>.

“logo, como Gilberto Freyre e outros, fui obrigado a reconhecer que a democracia racial é um importante valor que, certamente, não impede o racismo, mas que o define como anátema. [...] Em vez de declarar a democracia racial como uma farsa, comecei a entender que seria mais interessante pensá-la como um ideal a ser alcançado”. Peter Fry, “Feijoada e soul food 25 anos depois”, in *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), 33.

11 Ver Christopher Dunn, “A retomada freyreana”, in *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*, ed. Joshua Lund e Malcolm McNee (Pittsburgh: University of Pittsburgh/Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2006), 35-51; David Lehmann, “Gilberto Freyre: the reassessment continues”, *Latin American Research Review* 43, n.º 1 (2008): 208-18; Falcão e Araújo, *O imperador das ideias*; Fátima Quintas, *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre* (Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2003); Marcos Cardão e Cláudia Castelo (org.), *Gilberto Freyre: novas leituras, do outro lado do Atlântico* (São Paulo: Edusp, 2015).

12 Peter Burke e Maria Lúcia G. Pallares-Burke afirmam: “Freyre’s importance for our times is not simply that he was a pioneer, concerning himself with problems that have been taken up later. Unlike many scholars, Freyre studied the past not for its own sake alone but from a concern with the problems of the present: with identity, ecology, slum clearance and so on. On these accounts he still has something to teach us because he approached these problems, which are also our problems, in a manner that is often different from ours and still potentially illuminating [...]. No wonder then that the Joaquim Nabuco Foundation has established a working group entitled ‘Freyre and the Contemporary World’”. Peter Burke e Maria Lúcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics (Past in the Present)* (Londres: Peter Lang Ltd, 2008), 208.

13 Ver Miriam Halpern Pereira, “Dicionário de Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo, Coordenação por Sérgio Campos de Matos”, *Ler História* 62 (2012). Disponível em <http://journals.openedition.org/lerhistoria/624>, acedido em junho de 2020.

Em contraponto aos requisitos metodológicos de distanciamento crítico e objetividade, Freyre enveredou por uma retórica da proximidade, que terá contribuído para causar determinados efeitos nos seus leitores. O ensaísmo autorreflexivo de Gilberto Freyre revolveu os materiais da imaginação histórica, criou conceitos para caracterizar a cultura brasileira e produziu uma espécie de épico nacional sobre as origens ancestrais do Brasil<sup>14</sup>. Sem omitir os antagonismos que caracterizaram a emergência histórica do Brasil, a obra de Gilberto Freyre privilegiou essencialmente os temas da acomodação e conciliação entre contrários. Em vez de polaridades rígidas, que não davam conta dos paradoxos e contradições, Freyre optou pelas estratégias de “mediação”, dando origem a uma interpretação singular do Brasil, em que as formas de exclusão se desdobravam em soluções harmônicas ou orgânicas.

Freyre não criou apenas uma narrativa envolvente sobre a emergência histórica do Brasil, ele produziu igualmente narrativas sugestivas sobre o chamado espaço luso-tropical. Em particular, após publicar o livro *O mundo que o português criou* (1940), no qual examinava as relações sociais e culturais que existiam entre o Brasil, Portugal e as então colônias portuguesas, chegando à conclusão de que essas áreas geográficas partilhavam os mesmos valores de cultura. Alguns destes argumentos já haviam sido expostos em *CG&S*, em particular quando Freyre mencionou as características especificamente lusitanas, ou pré-brasileiras, que triunfaram no espaço tropical.

Com o intuito de compreender como Gilberto Freyre construiu um sentido de Brasil e inseriu a sua obra no âmbito dos estudos sobre o nacionalismo, neste artigo procurar-se-á analisar como *CG&S* estabeleceu uma ligação entre o passado português, ou pré-brasileiro, e a for-

14 Elide Rugai Bastos menciona a conotação épica da obra de Gilberto Freyre, que procura resgatar as tradições de um passado pré-brasileiro, como se estivesse em busca de um passado perdido. Segundo Rugai Bastos, “essas tradições parecem pertencer à categoria dos termos que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais. De certo modo é a fabulação sobre um período onde os conflitos ganham uma conotação épica: é a utopia de uma idade de ouro, onde a acomodação toma o lugar da luta, onde o dominado domina, de facto, aquele que se propõe como dominante. É por isso que o método eleito para a reconstrução da história é a empatia”. Elide Rugai Bastos, *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira* (São Paulo: Global, 2006), 47.

mação histórica do Brasil e os modos de viver brasileiros, plasmada na predisposição portuguesa para efetuar uma colonização híbrida nos trópicos. Pretende-se igualmente examinar de que modo Gilberto Freyre integrou a categoria de fronteira na sua obra, e a usou mais em termos culturalistas do que em termos meramente geográficos ou políticos. Foi através da categoria de fronteira, ou em diálogo com essa categoria, que Freyre reinterpretou o processo de formação do Brasil e imaginou, posteriormente, a existência de um espaço transacional de cultura, ou uma federação de cultura tropical, mais notória na fase luso-tropical e tropicológica da sua obra.

### **A fronteira enquanto marcador cultural da diferença**

A fronteira é um elemento transversal a todos os nacionalismos e um mecanismo central para delimitar simbolicamente um território, imaginar e afirmar a sua unidade territorial. A fronteira evoca a natureza simultaneamente contingente e sagrada das identidades, a relação entre território, população e cidadania, e tem igualmente uma função geopolítica, cultural e epistemológica. Nos últimos anos, a fronteira tem vindo a ganhar espaço enquanto categoria autónoma em diversas áreas disciplinares<sup>15</sup>.

A categoria de fronteira cultural emoldura frequentemente as narrativas sobre a identidade nacional. É uma categoria que serve para afirmar a existência de um espaço imaginário, que se diferencia dos demais espaços geográficos, e tende a alimentar os discursos sobre o “caráter nacional”<sup>16</sup>, ou sobre a ideia de “personalidade-base”<sup>17</sup>. Em ter-

15 Ver Étienne Balibar, Sandro Mezzadra e Ranabir Samaddar (ed.), *The Borders of Justice* (Filadélfia, PS: Temple University Press, 2011); Harsha Walia, *Undoing Border Imperialism* (Oakland, CA: Ak Press, 2013); Sandro Mezzadra, *Sealing Borders? Rethinking Border Studies in Hard Times* (Frankfurt: Viadrina, 2019); Todd Miller, *Empire of Borders: The Expansion of the US Border around the World* (Londres: Verso, 2019).

16 Ver Dante Moreira Leite, *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*, 4.<sup>a</sup> edição definitiva (São Paulo: Pioneira, 1983).

17 Jorge Dias procurou definir o caráter dos portugueses em termos de “personalidade-base”, referindo que o português seria “um misto de sonhador e de homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista”. Jorge Dias, *Ensaios Etnológicos* (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964), 148. O antropólogo João Leal argumenta que Jorge Dias sobrepõe a diversidade cultural portuguesa aos elementos que garantiriam a



mos gerais, a fronteira é associada aos costumes, aspirações, interesses, predisposições, padrões de cultura, vícios e virtudes de um determinado povo ou população.

Embora nunca referisse explicitamente o termo, a obra de Freyre não deixou de dialogar com a noção de fronteira, em particular com a noção de fronteira cultural<sup>18</sup>. Designadamente através das suas interpretações culturalistas e da criação de uma série de conceitos, entre os quais o da “predisposição psicofisiológica” dos portugueses para a miscigenação e encontro de culturas, que terão contribuído para erradicar, ou atenuar, os antagonismos entre a “Casa Grande” e a “Senzala”. A “predisposição psicofisiológica” dos portugueses traduzia o encontro intercultural nos trópicos, e pode ser entendida como uma variante da categoria de fronteira cultural<sup>19</sup>.

As categorias de tempo e de espaço têm várias conotações e sentidos diversos. A categoria de espaço contribui para delinear uma comunidade enquanto espaço de afetos, hábitos e experiências. No caso da obra de Gilberto Freyre, a tentativa de delinear uma identidade brasi-

unidade da cultura portuguesa. João Leal refere: “Uma vez postulada a diversidade do país, trata-se de pensar a sua unidade, que assentaria, segundo Dias, na partilha de uma substância espiritual comum a toda a cultura portuguesa. Influenciado por tentativas anteriores de pensar a psicologia étnica portuguesa, Jorge Dias encontra na ‘personalidade-base’ dos portugueses, ou no seu carácter nacional, o grande elemento unificador, do ponto de vista antropológico, de Portugal”. João Leal, *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000), 59.

18 Para alguns autores, entre os quais, se inclui Dante Moreira Leite, dificilmente se colocaria a hipótese de Gilberto Freyre ter dialogado com a noção de fronteira cultural: “Como estudos históricos, os trabalhos de Gilberto Freyre têm uma deficiência fundamental: o desprezo total pela cronologia e pelo espaço geográfico dos fatos descritos”. Leite, *O carácter nacional brasileiro*, 195. Em causa estaria a falta de objetividade, prova e evidência histórica, no trabalho de Freyre, cuja obra estaria mais próxima da ficção do que da ciência. A receção inicial da obra de Gilberto Freyre foi em grande medida centrada na discussão sobre literatura e ciência, com vários autores a reenviarem a obra de Freyre para o campo da literatura. Ver a releitura que Fábio Nicolazzi realiza da obra de Gilberto Freyre, chamando a atenção para o modo como este escolheu um estilo de representação do passado, um modo de proximidade, que diferia muito das representações anteriores empregadas por antigas histórias do Brasil. Fernando Nicolazzi, *Um estilo de história. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado* (São Paulo: Editora Unesp, 2003).

19 Embora não trabalhe especificamente a categoria de fronteira cultural, Sérgio Tavolaro procurou compreender como Freyre mobilizou as categorias de tempo e de espaço para interpretar a experiência moderna no Brasil, em particular nas discussões sobre a modernidade. Ver Sérgio B. F. Tavolaro, “Gilberto Freyre e o tempo-espaço brasileiro: uma crítica ao cronótopo da modernidade”, *Revista Sociedade e Estado* 32, n.º 2 (mai.-ago. 2017): 411-38.

leira e, paralelamente, circunscrever culturalmente os espaços tropicais, passava por uma abordagem culturalista que atribuía qualidades particulares a esses espaços.

A criação de uma ordem discursiva que abrangia a categoria de fronteira aproximava Freyre de autores norte-americanos históricos como Frederick Jackson Turner, um dos autores pioneiros na difusão internacional do conceito de fronteira<sup>20</sup>. Este conceito seria posteriormente trabalhado e popularizado pelos *westerns* norte-americanos, um género cinematográfico com características próprias, que convocava imagens de *cowboys* solitários a desbravarem os caminhos do Oeste com intuito de aí construir uma nova ordem social.

Sem prejudicar a diversidade étnica e geográfica do Brasil, a fronteira permitia projetar a unidade cultural do Brasil, sustentada por uma interpretação histórica que valorizava a herança cultural, enquanto elemento vital da singularidade brasileira. Contrariamente à noção de fronteira aberta da mitologia americana, associada ao individualismo, liberdade, autonomia e à propriedade privada, a fronteira freyreana pressupunha uma ideia de organicidade e estava assente numa política que valorizava a interdependência, o consenso e a coesão.

A fronteira em Gilberto Freyre abarcou tanto uma perspetiva transnacional, sobretudo no período luso-tropicalista e demais tropicologias, sistematizadas cientificamente ao longo da década 1960, quanto uma perspetiva estritamente nacional. É difícil fazer uma separação absoluta entre as duas perspetivas ou leituras, e dizer que o início de uma significa o fim da outra; ou afirmar que a perspetiva transnacional se situa nos antípodas da perspetiva nacional, até porque ambas se confundem. Ou seja, ambas as perspetivas seriam de algum modo nacionalistas, uma vez que atribuem ao Brasil o papel de agente principal e irradiador de cultura.

20 No livro intitulado *The significance of the frontier in American history* (1893), Frederick Jackson Turner fez uma das mais célebres interpretações da história americana. Num período caracterizado pela industrialização e imigração em massa, a expansão para o Oeste, associada à ideia de terra livre, teria moldado decisivamente a história da sociedade norte-americana e tornar-se-ia um elemento central das representações identitárias. Ver Henry Nash Smith, *Virgin Land: The American West as Symbol and Myth* (Cambridge/Lonres: Harvard University Press, 1978).

Após cunhar o conceito de luso-tropicalismo no Instituto Vasco da Gama, em Goa, na conferência intitulada “Uma cultura moderna: a luso-tropical”, realizada em novembro de 1951<sup>21</sup>, Freyre desdobrou e aprofundou o conceito em três momentos distintos. O primeiro dos quais, designado luso-tropicalista, caracterizar-se-ia pela valorização da capacidade portuguesa (“lusa”) de criar uma zona sentimental e social una, destituída de preconceitos raciais e convenções de classe.

O segundo momento, denominado luso-tropicologia, dizia respeito a uma ciência especializada no estudo sistemático do processo de integração dos portugueses em ambientes tropicais. Para Freyre, a luso-tropicologia era “um conceito sociológico, de civilização luso-tropical, de cultura e ordem social luso-tropicais, que ultrapassa o apenas político ou retórico ou sentimental de comunidade luso-brasileira ou lusíada, que, ao menos do ponto de vista sociológico, não chega a alcançar consistência ou relevância”<sup>22</sup>.

O terceiro momento seria apelidado tropicologia, um conceito criado após a realização do 1.º Seminário de Tropicologia, em 1966, através do qual se pretendeu singularizar os fatores ecológicos e culturais dos grupos humanos situados nos espaços tropicais<sup>23</sup>. Ao suprimir o

21 Na conferência realizada no Instituto Vasco da Gama, Gilberto Freyre afirmou: “Creio ter encontrado nesta expressão – luso-tropical – a caracterização que me faltava para o complexo de cultura hoje formado pela expansão portuguesa em terras tropicais; e que tem na identidade de condições tropicais de meio físico e na identidade das formas gerais de cultura – com substâncias de raça e de cultura as mais diversas – as suas condições básicas de existência e de desenvolvimento.” O aprofundamento da nova descoberta científica veio a ocorrer na sala dos Capelos da Universidade Coimbra, a 24 de janeiro de 1952, onde Freyre realizou a conferência “Em torno de um novo conceito de tropicalismo”. Ambas as conferências foram posteriormente publicadas em Gilberto Freyre, *Um Brasileiro em Terras Portuguesas. Introdução a uma Possível Luso-Tropicologia, Acompanhada de Conferências e Discursos Proferidos em Portugal e em Terras Lusitanas e ex-Lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico* (Lisboa: Livros do Brasil, 1952).

22 Gilberto Freyre, *A Integração Portuguesa nos Trópicos* (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1958), 37.

23 A noção de tropicologia era substancialmente diferente da utilizada pelo movimento Tropicália da década de 1960. Este introduziu, pelo contrário, uma linguagem crítica do exclusivismo identitário, visando especificamente as várias formas de nacionalismo brasileiro, quer o nacionalismo redentor de inspiração marxista, quer o nacionalismo paternalista e essencializador dos discursos oficiais. Distanciando-se da designação de “tropicalismo,” porque esta se reduzia a um repertório de clichés sobre a vida nos trópicos e evocava remotamente o conceito introduzido por Gilberto Freyre, o movimento Tropicália privilegiou a indefinição e o fragmento e encontrou na cultura de massas internacional um campo aberto de possibilidades para redefinir

prefixo “lusó”, Freyre procurava desembaraçar politicamente o conceito de tropicologia da sua ligação ao colonialismo português.

Com ou sem o prefixo “lusó”, a tropicologia convocava a categoria de fronteira para traduzir um espaço de cultura, simultaneamente marcado por uma colonialidade do poder (o colonialismo português); por uma dimensão transnacional, que se referia a uma grande federação de cultura lusó-tropical, ou espaço marcado pela cultura portuguesa; e a um projeto epistémico que pretendia fundar um novo saber<sup>24</sup>.

Enquanto marcador cultural da diferença, a fronteira freyriana ajustava-se a uma obra na qual tudo parecia passar pelo crivo dos trópicos: a arquitetura, a culinária, o vestuário, mas também os humores e costumes<sup>25</sup>. Ao culturalizar o conceito de fronteira, Freyre essencializou a imagem de um Brasil plástico, tropical e harmonioso, um conjunto de características que provinha da sua formação histórica, e que posteriormente seria irradiada para outras áreas culturais. Foi precisamente a capacidade de Gilberto Freyre efetuar uma confluência entre meio, geografia e história, que terá garantido os fundamentos de uma cultura nacional autónoma. A invenção de um passado pré-brasileiro levou Freyre a recuperar e a valorizar as características dos portugueses, fulcrais para a fundação do Brasil:

“A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida

a imagem do Brasil, parodiar alguns dos seus aspetos e exponenciar as suas contradições. Ver Christopher Dunn, *Brutality Garden: Tropicalia and the Emergence of a Brazilian Counterculture* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2001).

24 A par das tropicologias, e seus desdobramentos, ver igualmente a importância atribuída ao Iberismo na obra de Freyre em Alberto Luiz Schneider, “Iberismo e lusó-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre”, *História da historiografia* 5, n.º 10 (dez. 2012): 75-93.

25 Lilia Moritz Schwarcz, “Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos”, in *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*, 323.

sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura”<sup>26</sup>.

A valorização da realidade pré-brasileira, vital para o triunfo de uma nova civilização, fazia do passado um símbolo de coesão social e autoestima. Destacar o perfil psicofisiológico dos portugueses, em particular a sua “bicontinentalidade”, que evitaria a multiplicação de preconceitos, seria de algum modo encontrar a chave explicativa para interpretar o Brasil. Neste exercício de imaginação histórica, o passado funcionava enquanto elemento legitimador, e os portugueses seriam os seus principais protagonistas. Os portugueses significariam a estabilidade patriarcal e representavam na formação social brasileira o grupo dominante, os senhores das casas-grandes.

No esquema espacial imaginado por Freyre, a dominação, ou a distância entre a “casa-grande” e a “senzala”, esbatia-se por via da interpenetração de etnias/culturas e o equilíbrio entre contrários. Freyre acreditava que os *senhores de engenho* tinham criado uma das civilizações mais estáveis da América do Sul. Uma estabilidade precária e desigual, uma vez que a estrutura da sociedade agrária dependia de mão de obra escrava. Porém, a desigualdade não impediu que os diversos agentes e protagonistas se adaptassem ao meio ambiente, e a hierarquia fosse deslocada para as zonas de contacto, troca e ajustamento. A marca da especificidade cultural da sociedade brasileira resultaria precisamente deste jogo e constante adaptação.

### **Uma nova civilização tropical**

Em *CG&S*, Freyre oferece um mosaico do Brasil, reconstruindo de forma minuciosa os hábitos e estilos do passado: a arquitetura da casa-grande, as tradições culinárias, as práticas sexuais, os jogos infantis, as roupas, os equilíbrios ecológicos; mas também as estruturas econó-

<sup>26</sup> Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 18.

micas e sociais, as relações de poder. Num livro que pretende estudar a formação de uma sociedade patriarcal, assente numa estrutura de produção agrária escravocrata e híbrida na composição cultural, o colonizador português assume uma posição preponderante.

O protagonismo atribuído ao colonizador português e a valorização da sua herança cultural ilustram a forma como Freyre trabalhou a noção de fronteira cultural. Em vez de efabular, ou recorrer ao célebre estilo impressionista que o caracterizou, Freyre procurou descrever com rigor científico as características do colonizador português, recorrendo a diversos recursos analíticos, a fontes históricas e à observação empírica das ciências naturais, incluindo a antropologia física.

A 3.<sup>a</sup> parte de *CG&S* é inteiramente dedicada ao estudo dos antecedentes e predisposições do colonizador português. Mas já na 1.<sup>a</sup> parte do livro, na qual se apresentam as características gerais da colonização portuguesa, se descreve a fusão harmoniosa de tradições diversas, destacando o papel do colonizador português na fundação de uma civilização moderna nos trópicos. Pese embora se mencione o carácter impetuoso, impreciso, violento e se ridicularize a “mania das grandezas” dos portugueses<sup>27</sup>, o livro não poupa elogios aos portugueses. Desde descobridores pioneiros a povo que conseguiu congregar felizes predisposições de raça, mesologia e cultura para a colonização do Brasil. Sem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis, Freyre refere que os portugueses eram do “tipo contemporizador”, um fator de mediação central para imaginar a emergência do Brasil.

Gilberto Freyre recuou às origens remotas dos portugueses, desde a pré-história até a ocupação moura, apresentando um retrato sumário

27 A propósito da “mania das grandezas” dos portugueses Freyre referiu: “Há muito que descontar nas pretensões de grandeza do português. Desde fins do século XVI ele vive parasitariamente de um passado cujo esplendor exagera. Supondo-se diminuído, negado pela crítica estrangeira, artificializou-se num português para-ingles-ver, que os ingleses têm sido, entretanto, os mais perspicazes em retratar ao natural, restituindo-lhe os contornos e as cores exatas. [...] Longe de conformar-se com uma viuvez honesta, de nação decaída – como mais tarde a Holanda, que depois de senhora de vasto império entregou-se ao fabrico do queijo e da manteiga – continuou Portugal, após Alcácer-Quibir, a supor-se o Portugal opulento de Dom Sebastião vivo. A alimentar-se da fama adquirida nas conquistas de ultramar. A iludir-se de uma mística imperialista já sem base. A envenenar-se da mania de grandeza [...]. É um povo que vive a fazer de conta que é poderoso e importante. Que é supercivilizado à européia. Que é grande potência colonial.” Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 192-93.

das suas características étnicas e culturais, para em seguida sugerir que a génese do Brasil remontava a tempos remotos. Como Freyre referia: “E nenhum antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinária riqueza e variedade de antagonismos étnicos e de cultura, que o seu cosmopolitismo”<sup>28</sup>.

Freyre parecia acreditar na transmissão das características psicofisiológicas dos portugueses aos primeiros brasileiros. A centralidade dada às ideias de continuidade e plasticidade permitia imaginar o colonizador português como uma figura que se podia transformar no contacto com o outro, sem, todavia, perder a sua essência ao longo do tempo. Enquanto antepassados culturais e étnicos dos brasileiros, os portugueses revelariam aptidões especiais para se aclimatarem a regiões tropicais, em virtude da sua “condição bicontinental”, uma vez que Portugal se encontrava situado entre a Europa e a África.

As aptidões especiais não apagavam o facto de os portugueses terem sido “escravocratas terríveis”, com Freyre a acrescentar que “só faltou transportar da África para a América a população inteira de negros”. Por outro lado, os portugueses seriam igualmente considerados os colonizadores europeus que mais bem confraternizaram “com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos”<sup>29</sup>.

Depreendia-se da afirmação que existia um regime de escravidão adocada, ou amolecida, no Brasil, caracterizado por soluções conciliatórias. Por oposição à aparente incapacidade dos povos europeus do Norte, os portugueses teriam não só contornado as adversidades do meio físico como pareciam dispor de uma mobilidade (miscibilidade, aclimatabilidade) e plasticidade que era inexistente noutros povos. De acordo com Gilberto Freyre:

De qualquer modo o certo é que os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de per-

28 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 200.

29 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 191.

manência. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez de se retardarem como nas possessões tropicais de ingleses, franceses e holandeses<sup>30</sup>.

Teriam sido as felizes predisposições de raça e cultura dos portugueses que conseguiram vencer as adversidades da geografia tropical e suprido a escassez de gente branca na colonização do Brasil<sup>31</sup>. Foi através do encontro sexual com a mulher índia e negra que o colonizador português contribuiu para o aparecimento de uma população mestiça nos trópicos. Sem preconceitos de raça ou cor, o português pendeu para o cruzamento e miscigenação, um comportamento que resultava da sua plasticidade natural.

O livro *CG&S* contém uma série de descrições sobre o clima de lirismo amoroso e de “intoxicação sexual” que se vivia nos trópicos, com a sexualidade a desempenhar um papel importante de conciliação, sendo simultaneamente um território de negociações e uma fonte de amortecimento das hierarquias coloniais<sup>32</sup>. Numa linguagem fortemente sexualizada, Freyre chegou a valorizar o furor “femeiro dos portugueses”, que afirmariam a sua virilidade comportando-se como “garanhões desbragados” nos trópicos<sup>33</sup>.

30 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 24.

31 Apesar de Freyre se vangloriar por ter conseguido separar os conceitos de raça e cultura, continuam a subsistir dúvidas quanto à separação desses dois conceitos. No artigo “O híbrido como fetiche: ‘raça’, ideologia e narrativa em *Casa-grande & Senzala*”, Neil Larsen esclarece: “Um conceito antropológico e sociológico moderno de ‘cultura’ pode dissolver-se, e, até certo ponto, realmente dissolve, a pseudociência biologizada da tipologia e da causalidade raciais e de causalidade em *Casa-grande & Senzala* – apesar do fato de que o estilo tipicamente não-metódico e ‘ensaísticamente’ livre de Freyre volta-se geralmente às mais absurdas formas de especulação ‘eugénica’. Mas a ‘cultura’ falha no seu intento de suplantar a ‘raça’ no momento em que a figura conceitual do híbrido muda de sua posição teórica inicial que é, por assim dizer, crítica às questões de ‘raça’, para uma posição ideologicamente mais saturada – posição narrativa, até mesmo literária – na qual o híbrido deve se duplicar como sendo o ‘Brasil’, como essência nacional”. Neil Larsen, “O híbrido como fetiche: ‘raça’, ideologia e narrativa em *Casa-grande & Senzala*”, in *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*, 383-84.

32 Como Ricardo Benzaquen Araújo sublinha: “Assim, da mesma maneira que as distintas influências étnicas e culturais conseguiam combinar-se separadamente no português, a violência e a proximidade sexual, o despotismo e a confraternização familiar parecem também ter condições de conviver lado a lado, em um amálgama tenso, mas equilibrado.” Araújo, *Guerra e paz*, 57.

33 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 33. Sobre a sexualidade em *CG&S*, ver Ronaldo Vainfas, “Sexualidade e cultura em *Casa-grande & senzala*”, in Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Edição crítica (Paris: Allca XX, 2002), 771-85.



Para Freyre, a miscigenação deu origem a um homem novo nos trópicos, um europeu com sangue negro ou índio, que inventou uma “sociedade extremamente híbrida, sincrética e quase polifônica”<sup>34</sup>. O encontro, a intercomunicação e a fusão harmoniosa de tradições diversas vieram a colocar o hibridismo no centro dos discursos sobre a identidade brasileira. O hibridismo harmonizou os antagonismos de classe e cultura na formação da sociedade brasileira e produziu uma “união benigna e harmoniosa entre as culturas”. Em vez de querer significar heterogeneidade radical, descontinuidade, diluição permanente de formas e fronteiras, o hibridismo de Freyre era um símbolo de organicidade e veio a ganhar o estatuto de marcador identitário brasileiro<sup>35</sup>.

Uma série de fatores teria contribuído para o êxito da colonização portuguesa no Brasil. Entres eles a formação histórica de Portugal, a sua peculiar situação geográfica e a plasticidade dos portugueses, enraizada na sua heterogeneidade étnica e cultural. A ausência de um exclusivismo étnico servia para comprovar que os portugueses eram um povo misto e, por isso, predisposto à miscigenação<sup>36</sup>. Longe do sentimento de superioridade, ou ferocidade, do “povo anglo-saxão”, o povo português, com as suas virtudes, defeitos e experiências passadas, teria imprimido um sentimento mais humano ao Brasil. Esta visão idealizada da identidade portuguesa deu origem a um traço distintivo da cultura nacional brasileira, em que os temas da acomodação e a harmonia entre contrários viriam a ser centrais. Em certo sentido, o Brasil seria a ampliação e concretização da experiência étnica e cultural de Portugal.

### **Hierarquias benignas**

As discussões em torno da identidade nacional brasileira passam necessariamente pela experiência colonial, que continua a ser uma experiên-

34 Araújo, *Guerra e paz*, 44.

35 Sobre o hibridismo na obra de Gilberto Freyre ver o texto de Robert Young, “O Atlântico lusotropical: Gilberto Freyre e as transformações do hibridismo”, in *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*, 99-121.

36 Ver Alexandra Isfahani Hammond (ed.), *Masters and the Slaves. Plantation Relations and Mestizaje in American Imaginaries* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005).

cia histórica para entender temas contemporâneos como a concentração fundiária no Brasil. Numa colonização que se caracterizou por ser aristocrática, patriarcal, escravocrata, poligâmica e na qual o colonizador português se tornou dono e senhor de vastas terras, a hierarquia e a desigualdade são fatores a ter em consideração.

Segundo Freyre, a colonização portuguesa caracterizou-se pela iniciativa particular e distinguiu-se por ser permanente, estável e sedentária: “Foi a iniciativa particular que, concorrendo às sesmarias, dispôs-se a vir povoar e defender militarmente, como era exigência real, as muitas léguas de terra em bruto que o trabalho negro fecundaria”<sup>37</sup>.

Terá sido a colonização particular que promoveu a mistura de raças, a agricultura latifundiária e a escravidão, tornando possível a existência de colônias de plantação nos trópicos. Estas colônias terão vinculado despotismo e proximidade, distância social e intercomunicação, tendo cabido à família, e não ao indivíduo, como sucedia na mitologia do Oeste norte-americano, a função de desbravar solos, instalar fazendas, comprar escravos e constituir um novo sistema de organização social, política e econômica. A família tornou-se a célula-base da sociedade brasileira, uma força permanente desde a sua formação ou, nas palavras de Freyre, uma “força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América”<sup>38</sup>.

Numa família extensa, o *pater familias* exercia o poder de forma autoritária, sem deixar de ser inclusiva, o que sugeria uma justaposição entre a casa-grande (dominação) e a senzala (subordinação). O patriarca devia cuidar da disciplina, do bem-estar material e da vida espiritual da família, de modo a manter a honra, perpetuar a linhagem e assegurar a propriedade<sup>39</sup>. O ambiente doméstico esbatia alegadamente as oposições entre senhor e escravo, e legitimava o patriarcalismo familiar

37 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 30.

38 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 31.

39 Ricardo Benzaquen Araújo refere que o patriarcalismo é uma das categorias centrais da Casa Grande: “Esta categoria nos remete ao ideal de uma família extensa, híbrida e – um pouco como no Velho Testamento – poligâmica, na qual senhoras e escravas, herdeiros legítimos e ilegítimos convivem sob a luz ambígua da intimidade e da violência, da disponibilidade e da confraternização.” Araújo, *Guerra e paz*, 54.

enquanto forma específica da formação brasileira. Como referiu o historiador Stuart Schwartz: “A família implicava autoridade e hierarquia, o pai a exigir respeito e obediência quer de filhos, esposa, empregados escravos e dependentes, em troca garantia-lhe o sustento, orientação e proteção. Simbolicamente, filhos e escravos deviam ‘pedir bênção’ ao senhor, e este devia dá-la”<sup>40</sup>.

Neste universo de cumplicidades permanentes, os escravos não eram apenas fatores de trabalho, mas membros de pleno direito da família patriarcal, que era o elemento agregador e gerador de todas as relações sociais. Além de ser pretensamente mais brando, o modelo de escravatura perfilhado pela família patriarcal era também mais promíscuo. Sobretudo porque Freyre estabeleceu uma relação direta entre a atração sexual e a tolerância racial, como se a primeira fosse a garantia da segunda. Contra o desmando da coroa, ou o clericalismo dos padres, a família patriarcal, escravocrata e polígama encontrara na conciliação a solução política para as desigualdades nos trópicos. A valorização que Freyre fazia da mística patriarcal, elogiando a sua tonalidade calorosa, legitimava a ideia de uma *hierarquia benigna* nos trópicos. Uma benignidade imaginária e frágil, que mantinha as hierarquias e atribuía aos *senhores de engenho* o poder exclusivo de celebrar, reconhecer e apropriar os elementos heterogêneos das outras culturas.

Apesar de Freyre considerar a família patriarcal uma organização inovadora, que sublimava a violência da sociedade colonial e os despotismos associados à escravidão, a família patriarcal não deixava de estar associada a uma ideia de grande propriedade agrária: o latifúndio. A questão fundiária, presente nas questões de posse da terra e extensão das propriedades, era um dos maiores indicadores de arbitrariedade nos trópicos, à partida incompatível com as soluções orgânicas e conciliatórias, que dependiam de um *ethos* patriarcal para acomodar as assimetrias que existiam na formação do Brasil. Se a plasticidade social conseguia aproximar contrários, a concentração fundiária segregava e

40 Stuart B. Schwartz, *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988), 241.

dividia. No “mundo que os engenhos criaram” a propriedade da terra era o aspeto mais visível da distinção social:

“Tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do Brasil pelo europeu. Só a casa-grande e a senzala. O senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agrícola e a ele obrigado pelo regime de trabalho escravo. Compreenderam os homens mais avisados em Portugal, logo após as primeiras explorações e notícias do Brasil, que a colonização deste trecho da América tinha de resolver-se em esforço agrário”<sup>41</sup>.

Ao consentir o trabalho escravo e a existência do latifúndio, elogiando inclusive o “senhor de engenho rico”, Freyre naturalizava a ordem social existente. A desigualdade parecia ser uma condição normal da vida nos trópicos e as eventuais dissensões estavam limitadas ao campo dos pequenos arranjos de poder. Só a cortesia ou a amabilidade do senhor de engenho podiam mitigar a desigualdade. O poder magnânimo do patriarca sustentava a ideia de uma *hierarquia benigna* nos trópicos, naturalizando um regime de cumplicidade e reconhecimento mútuo. Dentro deste arranjo social idílico, a escravidão não se desdobrava em arbítrio ou prepotência, nem a concentração da propriedade fundiária era ilegítima ou condenável. Entre senhores de engenho severos, mas paternais, e escravas convertidas em objetos de desejo, sem perderem a sua subalternidade, o latifúndio introduzia uma série de relações de interdependência, ancorada em laços de parentesco espirituais.

A socióloga Elide Rugai Bastos questiona as consequências do pensamento social de Gilberto Freyre no processo de concentração fundiária no Brasil, chamando a atenção para o modo como Freyre legitimou um vasto segmento agrário e tradicionalista<sup>42</sup>. A questão fundiária

41 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 240.

42 Bastos, *As criaturas de Prometeu*, 198-200.

é um tema de particular relevância, desde logo por causa dos seus desdobramentos políticos. A empatia que Freyre demonstra pelos senhores de engenho em *CG&S* deixa transparecer que o sociólogo seria um defensor da grande propriedade fundiária<sup>43</sup>. Uma defesa que se prendia mais com o prestígio social do que por razões estritamente económicas, uma vez que Freyre não deixou de criticar o lado esterilizador da monocultura no latifúndio, que privava a “população colonial do suprimento equilibrado e constante de alimentação sadia e fresca”<sup>44</sup>.

A defesa freyreana do latifúndio, e dos valores patriarcais que lhe estavam subjacentes, desembocava numa visão política autocrática que legitimava o “esforço agrário” e o uso de mão de obra escrava. A noção de acomodação entre contrários tendia a deslocar a oposição entre dominante e dominado para a esfera privada, encontrando na vida íntima, doméstica ou conjugal, uma série de soluções conciliatórias. Porém, o império do privado e a reivindicação de um modelo de sociabilidade particular, ou a idealização de um regime benigno de escravidão, não apagavam totalmente a estrutura hierárquica do regime de propriedade fundiária. A preferência freyreana pelas elites, que se refletiu na sua trilogia sobre a formação e decadência da família patriarcal no Brasil, deixava transparecer que a conciliação assentava num modelo de paternalismo privado, no qual o senhor de engenho detinha um poder quase absoluto. Recorrendo a metáforas do foro patológico, Freyre chegou a insinuar que os governos “corajosamente autocráticos” seriam mais adequados à psicologia do homem brasileiro:

A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica,  
é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia políti-

43 Na apresentação a *Casa Grande & Senzala*, Fernando Henrique Cardoso disse que “é indiscutível, contudo, que a visão do mundo patriarcal de nosso autor assume a perspectiva do branco e do senhor. Por mais que ele valorize a cultura negra e mesmo o comportamento do negro como uma das bases da brasilidade e que proclame a mestiçagem como algo positivo, no conjunto fica a sensação de nostalgia do tempo de ‘nossos avós e bisavós’. Maus tempos, sem dúvida, para a maioria dos brasileiros”. Fernando Henrique Cardoso, Prefácio a Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal* (Recife: Global Editora, 48.<sup>a</sup> edição, 2003) [1.<sup>a</sup> ed. 1937], 22.

44 Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 43.

ca: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar ‘povo brasileiro’ ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Mesmo em sinceras expressões individuais – não de todo invulgares nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil – de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou económica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se<sup>45</sup>.

Ao sugerir uma possibilidade de harmonização entre o sadismo do mando e o masoquismo da subserviência, Freyre transformava as situações duais em elementos fundamentais da imaginação nacional. Os dualismos de Freyre dissolviam os extremos, corrigiam as hierarquias e introduziam um código privado, fora da legalidade pública e regulado pela familiaridade. Mesmo que Freyre aludisse a uma ideia de mútuo consentimento, mencionando inclusive o sadismo do colonizador português e o masoquismo do escravo, prevaleciam as ideias de encontro, intercomunicação e fusão harmoniosa de tradições diversas. A diferença específica da sociedade escravocrata brasileira era o facto de se situar algures entre o despotismo e a proximidade, a distância social e a íntima comunicação. A proximidade confraternizadora triunfava sobre o antagonismo e a plasticidade sobre a desigualdade. Estes “triunfos” delimitavam os horizontes de imaginação histórica e serviam para retratar as especificidades da sociedade brasileira e, simultaneamente, configurar uma fronteira cultural.

## Conclusão

Gilberto Freyre inventou uma série de brasileirismos e estabeleceu elos entre áreas geográficas, étnica e culturalmente distintas, procurando

<sup>45</sup> Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 60.

unificá-las através das chamadas constantes estruturais da colonização portuguesa: patriarcalismo, latifúndio, monocultura e escravidão. Estabeleceu ainda continuidades entre o passado e o presente, inventou um passado pré-brasileiro, evocou por diversas vezes o “mundo que o português criou” e circunscreveu culturalmente aquilo que acreditava ser *genuinamente brasileiro*.

A par de referir os elementos naturais, ecológicos e sociais, o modo freyriano de descrever (e inventar) o passado (pré-brasileiro) foi um elemento discursivo central na sua obra<sup>46</sup>. A predileção pelo tempo sincrónico permitiu a Freyre identificar uma série de elementos característicos da singularidade brasileira sem os datar historicamente. Procurou ainda criar um tempo homogéneo, através do qual a sua vida existencial se confundia com a experiência coletiva brasileira, transformando praticamente o passado brasileiro numa história consensual.<sup>47</sup>

A forma condescendente como Freyre retratou senhores de engenho, atribuindo-lhes o papel de personagens tolerantes e integradoras, conduziu a uma espécie de sublimação da história do Brasil, que transformou a desigualdade estrutural, reproduzida pelo patrimonialismo familiar, num arranjo social singular, marcado pela convivência e coexistência entre contrários. Como Joshua Lund e Malcom Mcnee assinalam:

Talvez a dinâmica da obra freyreana seja mais claramente descrita como uma tensão entre dois discursos, um que se localiza sob os signos de profecia e desejo nacionais, só acessíveis através do literário e do poético, e outro sobre as relações

46 Ver Roberto Cavalcanti de Albuquerque, *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2000).

47 Peter Burke e Maria Lúcia Pallares-Burke comparam o discurso historiográfico de Freyre ao discurso de historiadores norte americanos que inscreveram os seus trabalhos na denominada “história consensual”: “*CGS* is also the major Brazilian example of what North American historians call ‘consensus history’. [...] After the Second World War, a new school emerged, including Richard Hofstadter and Daniel Boorstin and stressing consensus and common culture. As one member of the group put it, ‘community is just as real as conflict’. Freyre note a generation earlier than these scholars and his kind of consensus was defined against race conflict than class conflict. All the same, his emphasis on a more or less homogeneous or at any rate a shared culture supported his view of harmony.” Burke e Pallares-Burke, *Gilberto Freyre*, 96-97.

sociais reais e exercendo a autoridade da Ciência e da História. O sublime de Freyre, no qual a plasticidade lusa e a abertura do português ao hibridismo reprodutivo e cultural abrandam num equilíbrio de antagonismos as brutalidades e explorações do colonialismo e das situações pós-coloniais das várias nações luso-tropicais, não tem suportado bem o escrutínio e a crítica do que ele citou como evidências e fenômenos causais<sup>48</sup>.

A capacidade de Freyre para desvendar, mas também para ocultar e mistificar, dados relativos à história do Brasil teve consequências na imaginação da identidade brasileira. O chamado “sublime freyriano” desdobrar-se-ia numa série de brasileirismos, parte deles inspirados em recorrências da sociabilidade local, outros projeções imaginárias ou alegorias nacionais. As contínuas transações entre narrativas históricas e projetos de invenção nacional quase converteram as teses conciliadoras de Freyre num *facto social* brasileiro. A conversão das contradições, ou antagonismos, num todo articulado, no qual tudo parecia se ajustar (sadismo e masoquismo, despotismo e coabitação, hierarquia e plasticidade social), convertiam a nação num dos princípios organizadores da produção ensaísta de Gilberto Freyre. A “nação” seria o local de mediação onde os conflitos se esbatiam e a história se sublimava.

O tríptico latifúndio, monocultura e escravidão distribuía os lugares sociais, com cada indivíduo a ocupar o lugar que lhe estava reservado socialmente. Esta repartição dos lugares sociais refletiu-se na questão da propriedade agrária, com o chamado papel integrador do latifúndio a estar na base de um poder privado que permanecia praticamente inquestionado. O vínculo entre a discricionariedade e a proximidade familiar acabou por instaurar “uma forma de bilateralidade, ainda que incipiente e instável, entre favor e proteção, não só entre pais e seus dependentes, mas também entre famílias diferentes entre si, criando um sistema complexo de alianças e rivalidades”<sup>49</sup>.

48 Lund e McNee (ed.), *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*, 14.

49 Jessé Souza, “Gilberto Freyre e a singularidade da cultura brasileira”, in Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Edição crítica (Paris: Allca XX, 2002), 1067-68.



Nos interstícios de uma ordem escravocrata e desigual, com senhores de engenho, latifundiários e escravos, Freyre encontrou várias histórias íntimas que interligavam todos esses personagens, apresentando uma história sentimental do Brasil. Ao estabelecer uma série de equivalências entre modos de viver, comportamento e a identidade brasileira, Freyre introduziu uma nova cartografia da nacionalidade e delineou a fronteira cultural do Brasil. Ao culturalizar o conceito de fronteira, Freyre inventou a imagem de um Brasil plástico e harmonioso, encontrando nas práticas excludentes hipóteses de acomodação. Estas irradiar-se-iam para outras áreas culturais, evidenciando uma forma original de imaginar a categoria de fronteira, que era simultaneamente transnacional e nacional.

Mesmo sem o peso de outras categorias que se tornariam imagens de marca da sua obra, como o célebre “equilíbrio de antagonismos”, Freyre não deixou de dialogar com a noção de fronteira cultural. A valorização da herança cultural portuguesa, e o trabalho em torno das noções de permanência, continuidade, semelhança, vestígios e marcas do passado, era ilustrativa do peso que a obra de Freyre atribuía ao passado. Enquanto marca de inscrição de um acontecimento que permanecia ao longo do tempo, o passado assegurava a reprodução de padrões comportamentais, hábitos, valores, instituições e referências ético-morais. A categoria tempo era indissociável da categoria espaço, esta traduzia-se na configuração de uma fronteira cultural que singularizava as especificidades do espaço tropical.

## BIBLIOGRAFIA

Albuquerque, Roberto Cavalcanti de. *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres/Nova Iorque: Verso, 2005.

Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz, casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

Balibar, Étienne, Sandro Mezzadra, e Ranabir Samaddar, ed. *The Borders of Justice*. Filadélfia: Temple University Press, 2011.

Bastos, Elide Rugai. *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global, 2006.

Burke, Peter, e Maria Lúcia G. Pallares-Burke. *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics (Past in the Present)*. Londres: Peter Lang Ltd, 2008.

Cardão, Marcos, e Cláudia Castelo, org. *Gilberto Freyre: novas leituras, do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, 2015.

Cardoso, Fernando Henrique. “Os livros que inventaram o Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP* 37 (nov. 1993): 21-35.

Dias, Jorge. *Ensaaios Etnológicos*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

Dunn, Christopher. *Brutality Garden: Tropicalia and the Emergence of a Brazilian Counterculture*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2001.

Falcão, Joaquim, e Rosa Maria Barboza de Araújo, org. *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil/UniverCidade/Fundação Roberto Marinho/Topbooks, 2001.

Franzini, Fábio. “Freyre, Gilberto de Mello (Recife, Brasil, 1900 – Recife, Brasil, 1987)”. In *Dicionário de Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo*, coord. Sérgio Campos Matos. Centro de História – Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em <http://dichp.bnportugal.pt/imagens/freyre.pdf>. Acedido em junho de 2020.

Franzini, Fábio. “Modos de autor e manhas da crítica: o jogo dos prefácios em *Casa Grande & Senzala* (1933-1961)”. In *Escrita, Edição e Leitura na América Latina*, organizado por Nelson Schapochnik e Giselle Martins Venâncio, 168-80. Niterói: PPG História-UFF, 2016.

Freyre, Gilberto. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas. Introdução a uma Possível Luso-Tropicologia, Acompanhada de Conferências e Discursos Proferidos em Portugal e em Terras Lusitanas e ex-Lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. Lisboa: Livros do Brasil, 1952.

Freyre, Gilberto. *A Integração Portuguesa nos Trópicos*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1958.

Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Edição crítica, coordenada por Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta, Edson Nery da Fonseca. Paris: Allca XX, 2002.

Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Livros do Brasil, 2003 [1.<sup>a</sup> edição 1937].

Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, prefácio por Fernando Henrique Cardoso, 48.<sup>a</sup> edição. Recife: Global Editora, 2003.

Fry, Peter, “Feijoada e soul food 25 anos depois”. In *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*, 47-53. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Hammond, Alexandra Isfahani, ed. *Masters and the Slaves. Plantation Relations and Mestizaje in American Imaginaries*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

Leal, João. *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

Lehmann, David. “Gilberto Freyre: the reassessment continues”. *Latin American Research Review* 43, n.º 1 (2008): 208-18.

Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*. 4.ª edição definitiva. São Paulo: Pioneira, 1983.

Lund, Joshua, e Malcolm McNee, ed. *Gilberto Freyre e os Estudos latino-americanos*. Pittsburgh: University of Pittsburgh/Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2006.

Mezzadra, Sandro. *Sealing Borders? Rethinking Border Studies in Hard Times*, Working Paper Series. Frankfurt: Viadrina, 2019.

Miller, Todd. *Empire of Borders: The Expansion of the US Border around the World*. Londres: Verso, 2019.

Mota, Carlos Guilherme. “A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre”. In *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*, organizado por Joaquim Falcão e Rosa Maria Barboza de Araújo, 168-82. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

Nicolazzi, Feriado F. *Um estilo de história. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

Pereira, Miriam Halpern. “Dicionário de Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo, Coordenação Sérgio Campos de Mattos”. *Ler História* 62 (2012). Disponível em <http://journals.openedition.org/lerhistoria/624>, acessado em junho de 2020.

Schneider, Alberto Luiz. “Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre”, *História da historiografia* 5, n.º 10 (dez. 2012): 75-93.

Schwarcz, Lilia Moritz, e André Botelho, org. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Schwarcz, Lilia Moritz, e André Botelho. “Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro”. *Lua Nova. Revista de cultura e política* 82 (2011): 139-59.

Schwartz, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988).

Smith, Henry Nash. *Virgin Land: The American West as Symbol and Myth*. Cambridge/ Londres: Harvard University Press, 1978.

Tavolaro, Sérgio. “Gilberto Freyre e o tempo-espaço brasileiro: uma crítica ao cronótopo da modernidade”. *Revista Sociedade e Estado* 32, n.º 2 (mai.-ago. 2017): 411-38.

Walia, Harsha. *Undoing Border Imperialism*. Oakland, CA: Ak Press, 2013.

#### Referência para citação:

Cardão, Marcos. “Histórias sem fronteiras. O Brasil que Gilberto Freyre criou.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 10 (2020): 45-70.